

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal de Brasil Class.: 96

Data: 26/04/87 Pg.: _____

Festa na taba

Marcelo Tognozzi

JI-PARANÁ (RO) — O teco-teco vermelho cruza o céu de Rondônia. São 10h e o calor é insuportável. Lá embaixo, a selva é compacta com seus vários tons de verde. O piloto manobra procurando a pista de pouso do posto da Funai da área indígena de Lourdes, onde fica a aldeia Gavião. De repente, cercada de árvores maiores que muitos edifícios do Rio ou São Paulo, aparece a pequena pista de terra batida. Os cinco jornalistas que estão dentro do avião não têm certeza se a tentativa de pouso vai dar certo, mas o piloto mergulha e o teco-teco aterrissa suave.

Imediatamente, uns 50 índios pintados de preto e vestidos a caráter, com todas as plumas, cercam o avião. São zoros, gaviões e araras, representantes de três das seis principais nações que vivem no parque Grande Aripuanã, uma reserva de cerca de 33 mil quilômetros quadrados (pouco maior que o estado de Alagoas) cravada entre os estados de Rondônia e Mato Grosso.

Os índios estão em festa, comendo e dançando há três dias. E são três os motivos para a comemoração. Através do decreto 94.088, assinado em março pelo presidente José Sarney, os zoros, que vivem ao norte de Lourdes, conseguiram que seus 431 mil 600 hectares de terra fossem demarcados. Eles contaram com a ajuda do cacique Catarino, dos gaviões, que agora vai morar com os zoros. No seu lugar ficará seu irmão Alberto, um gavião que usa óculos e não costuma andar enfeitado com penas, colares e cocares. A troca de caciques é outro motivo para a festa. O terceiro é o Dia do Índio, que este ano caiu na época da colheita do milho.

Do aeroporto improvisado, um caminhão leva os índios, e uma caminhonete os visitantes, para a picada que dá acesso à aldeia. Alguns quilômetros adiante, temos de deixar a caminhonete e seguir a pé por um estreito caminho no coração da selva, onde as copas das árvores cobrem o céu.

Ali, amarrada numa árvore, uma novilha branca aguarda a vez de virar churrasco.

O animal está assustado, tenta se livrar das cordas e ameaça chifrar quem se atrever a chegar perto. Minutos depois, um grupo de mais de 30 guerreiros, chefiados pelos caciques Paio (zoro) e Catarino aparecem gritando, armados com arcos e flechas. A novilha tenta investir contra eles, pula, agita os chifres. Os índios perfilam-se. Ela muge pressentindo a morte. Catarino dá o sinal e os guerreiros disparam as setas afiadas que rasgam o couro da novilha. Ela ainda tenta ficar de pé, mas o sangue flui aos borbotões. Não dá para resistir.

Depois desse ritual, todos seguem para a aldeia caminhando quatro quilômetros mata adentro. Os visitantes suam muito e alguns param para beber a água cristalina que corta a picada através de vários riachinhos en-

No dia do índio, os zoros comemoram a demarcação das suas terras

contrados pelo caminho. Na aldeia, onde 40 gaviões moram numa grande maloca, o grupo é recebido com chicha ou macaloma, uma espécie de aguardente feita de milho cozido, fermentado com a saliva das índias. O gosto da chicha é azedo e seu cheiro forte. Os índios bebem o tempo todo, vomitam e voltam a beber, até ficarem zonzos.

Uns 20 metros ao lado da maloca está uma churrasqueira, onde a carne de uma outra novilha morta no dia anterior assa em espetos de pau. A carne de vaca, nessa festa, substitui a tradicional carne de caça como macaco, paca e anta. Os índios não caçam desta vez, porque a Funai

deu as novilhas.

Dentro da maloca, as índias cuidam da comida e as crianças pequenas ficam em re-

des ou circulando próximas a um braseiro. No fundo da aldeia, um igarapé de águas límpidas era o único remédio para o calor. Alguns visitantes chegam a entrar de roupa, os índios também se banham, aguardando o momento da dança taboca. A taboca é uma grande flauta de bambu, com cerca de um metro e meio de comprimento, e que tem som grave.

Com ela, chegam pela picada que leva à aldeia uns 20 índios. Dançam em homenagem ao cacique Alberto, que assume a tribo, e ao cacique Catarino, que vai viver com os zoros. Os índios dançam por mais de meia hora e os dois caciques ficam dentro da maloca sozinhos.

Assim que termina a dança, um porco é amarrado no centro da aldeia e o mesmo ritual de morte por que passou a novilha se repete. Em seguida, um grupo de seis guerreiros zoro vem oferecer a Catarino, agora protetor de

seu povo, quatro jacarés vivos. Alberto está na maloca com Catarino e os guerreiros lançam os jacarés para dentro. Eles são mortos a pauladas por um dos caciques.

Depois de mortos, os jacarés são cortados em pedaços, as vísceras separadas. Parte deles, com couro e tudo, vai ser cozida num caldeirão de água fervendo. Outra parte vai servir para a farinha de jacaré, que é feita com o animal torrado e depois pilado com mandioca. A farinha é servida com beiju de milho.

Só quando termina o ritual dos jacarés é que o cacique Catarino — um índio baixinho, que tem duas mulheres, uma índia com quem é casado há 17 anos e um loura com quem vive há três — vem conversar com os jornalistas. Com ele está o cacique Paio, da tribo zoro. Paio é velho e não fala uma palavra de português, mas presta atenção na conversa como se entendesse tudo. Catarino conta como eles conseguiram a demarcação das terras dos zoros.



Luciano Andrade

Em vez de caça, os zoros mataram uma novilha oferecida pela Funai

— Foi uma luta difícil. Mas consegui unir as nações gavião, zoro, surui, cinta-larga, arara e mequém para pedir à Funai que tirasse 126 famílias de posseiros que estavam cortando madeira e construindo casas nas terras dos zoros. Demorou, tivemos de conversar muito com a Funai. Várias vezes nós pensamos em guerrear com os posseiros, mas no fim tudo terminou sem sangue — lembra o cacique, que chegou a chefiar um grupo de guerreiros armados e pintados de vermelho (cor da guerra) para pressionar o então superintendente da Funai em Cuiabá, Cantídio Guerreiro Guimarães, que na festa também foi homenageado pelos índios.

Depois da conversa com Catarino, os índios cercaram os jornalistas oferecendo artesanato "baratinho". Enquanto mostravam pulseiras adornadas com dentes de macaco, cocares e colares de tucumã, saía cabisbaixa e quase despercebida uma equipe de documentaristas de uma televisão independente dos Estados Unidos, chefiadas pelo diretor Glen

Switekes. Eles queriam filmar a festa, mas como não tinham autorização nem souberam explicar a finalidade do "documentário", foram barrados no baile por Cartídio Guerreiro, que estava representando o ministro do Interior, Ronaldo Costa Couto. Os americanos deixaram o parque a pé, praguejando sob o peso do equipamento.

Pelo menos tiveram a sorte de levantar acampamento à tarde. O sol não estava tão forte e o calor já era suportável. Na mata densa, os pássaros entoavam uma espécie de sinfonia tropical, alguns invisíveis nas árvores. O dia começava a terminar no grande Aripuanã. Na picada, macacos curiosos acompanhavam do alto das copas a movimentação da volta. Os índios levavam a comitiva até a pista onde o teco-teco estacionado. Agora, os brancos também usavam cocares e colares. Durante o voo de volta veio o anoitecer. Lá embaixo, a selva adormecia.